

BOM FIM, UM BAIRRO E SUAS MUITAS HISTÓRIAS

Fé uniu os judeus

Em Porto Alegre existem cinco sinagogas, três delas localizadas no Bairro Bom Fim. Das cinco, uma é freqüentada por judeus emigrados do Oriente, os Sefaraditas e as outras pelos Askenazitas, vindos do Ocidente. O rabino Horsh Zelcovicz é o único no Estado. Para ele a religião foi o fator que fez com que os israelitas sobrevivessem através dos tempos, conservando intactas suas tradições e costumes. Ainda hoje ela exerce papel fundamental na vida diária. Pelo simbolismo da Estrela de Davi (visto nas aberturas da sinagoga localizada na Rua Barros Cassal), podemos constatar a força da fé judaica. Formada por dois triângulos, cada vértice representa: Deus, Homem, Mundo, Criação, Revelação e Redenção, relacionados por uma influência recíproca.



Hospital de Clínicas

O Hospital das Clínicas de Porto Alegre está quase completamente equipado. Além de já abrigar salas de aula da Faculdade de Medicina da UFRGS, funciona com 220 dos 800 leitos que pode comportar e tem um aparelho de raio laser, único na América Latina, para cirurgias especiais. (Reportagem na página 2).



Instituto abandonado

Numa das zonas mais movimentadas de Porto Alegre, o Instituto de Educação enfrenta inúmeros problemas. O trânsito, poluição sonora e falta de funcionários capazes de utilizar um extintor de incêndio são alguns. Enquanto isso, espera uma solução para o estacionamento prometido pela Prefeitura (Página 3).



três por quatro

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 1975

ANO 4, Nº 2

CR\$ 2,00



UNIVERSIDADE
FACULDADE
DE
BIBLIOTECA
E
COMUNICAÇÃO
PORTO ALEGRE, RS

A
eca

Hospital de Clínicas de P. Alegre: Empresa Pública dedicada à saúde e ao ensino médico

HISTÓRICO

Em 1935, o então presidente da República Getúlio Vargas assinou Decreto de criação dos Hospitais de Clínicas em diversos estados brasileiros, visando a ampliar o sistema de atendimento médico-hospitalar, suprido apenas pelas Santas Casas e Beneficências e, simultaneamente, dotar de melhores recursos o ensino da Medicina. As cidades beneficiadas pelo Decreto foram: Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Primeiro pensou-se em construir o Hospital de Clínicas no Parque da Redenção, local felizmente recusado pela Prefeitura, passando-se a cogitar então o local onde está atualmente o Estádio do Grêmio Futebol Porto-Alegrense. Por fim, em 1938, o governo do Estado doou à Faculdade de Medicina do RS o terreno situado à Av. Protásio Alves, com cerca de 250 m de frente por 700 m de fundos. Mas passariam dez anos até que algo fosse feito.

Em outubro de 1947 foi finalmente iniciado o trabalho de colocação de estacas, trabalho que se estendeu até metade de fevereiro de 1948, tendo sido paralisado diversas vezes, até que as obras tivessem um andamento normal.

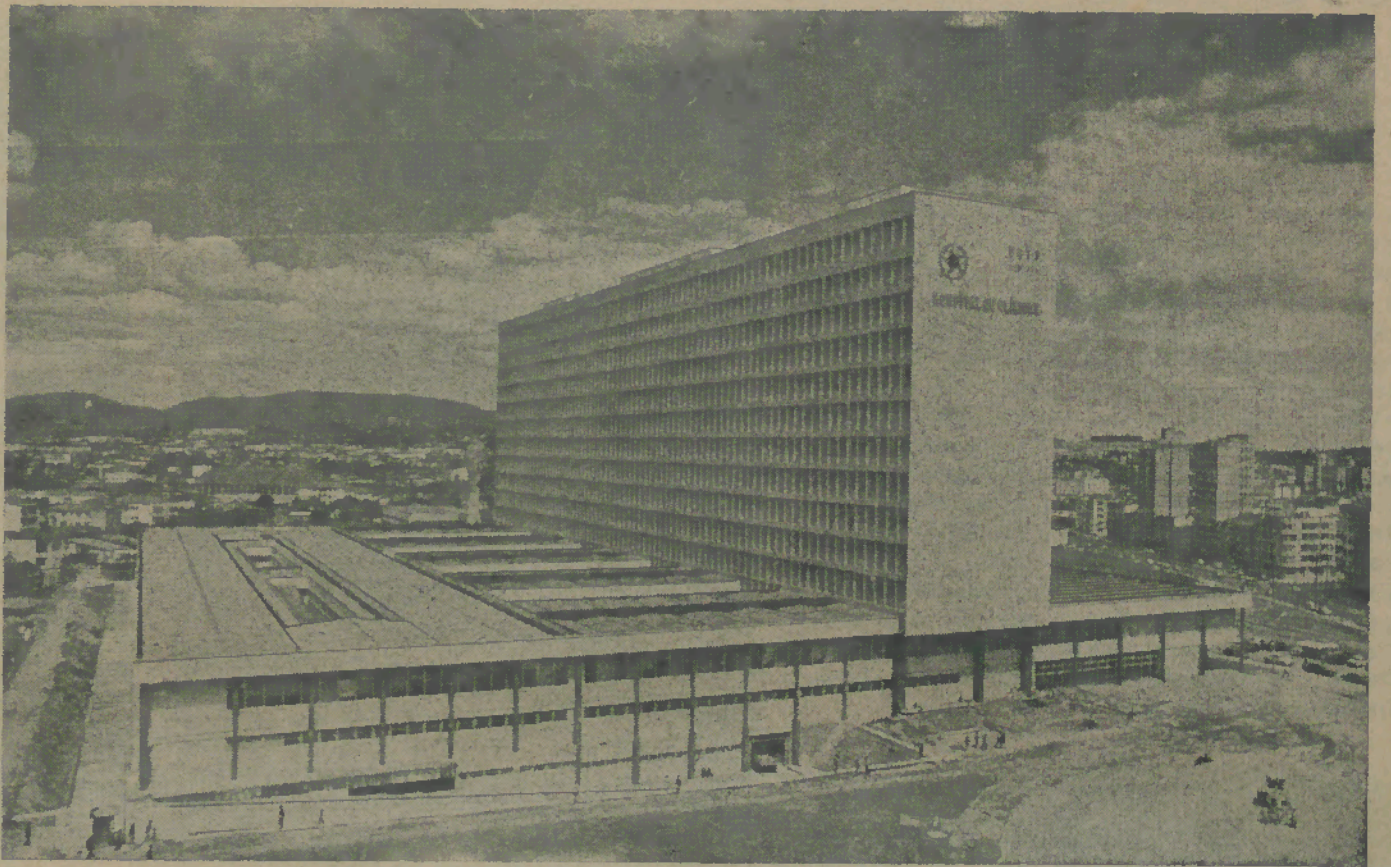
Em dezembro de 1951 foram paralisadas as obras, que estavam sendo baseadas num anteprojeto considerado inexecutável. A demolição iniciou em 1953, quando as fundações já estavam concluídas. A obra do prédio atual foi realmente iniciada em 1954.

A FACULDADE

Tendo sido projetado, basicamente, para servir à Faculdade de Medicina, quando foi posto em funcionamento



Sala de espera da área de pediatria



Treze pavimentos num total de 82.000m² a maior área construída de Porto Alegre

assumiu a constituição jurídica de Empresa Pública, segundo Lei nº 5.604 de 2/9/70, assinada pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici.

A transferência da Faculdade de Medicina para o prédio começou um julho de 1972, seguindo a determinação da UFRGS de centralizar diversas escolas da área biomédica. Os departamentos comuns a várias Faculdades, tais como anatomia, bioquímica e outros, foram instalados no antigo prédio de Medicina, e a maioria dos demais já está no H. C.

A Faculdade de Medicina conta, atualmente, com 1063 alunos. As medidas de centralização resultaram em uma maior coordenação para o ensino e estarão concluídas quando todos os departamentos da área biomédica estiverem congregados em torno do Hospital de Clínicas.

O HOSPITAL

O Hospital de Clínicas conta com 13 pavimentos, numa área de 82.000 m², constituindo-se na maior área construída de Porto Alegre.

Atualmente possui 212 leitos, prevendo-se o aumento para 696 no próximo ano. Quando o hospital estiver inteiramente pronto, terá 800 leitos, dispostos em quartos de duas e três ca-

mas. A previsão inicial de 1.600 leitos revelou-se inviável, pelas dificuldades de atendimento de uma tal quantidade de doentes.

Há 39 médicos atendendo em serviço de ambulatório, 67 no serviço de internamento e 71 médicos residentes. O serviço de internação possui 1.387 empregados, o ambulatório, 107, 29 o centro cirúrgico e 19 o serviço de hemodinâmica e hemoterapia.

O pessoal de enfermagem é todo de alto padrão. Conta com 54 enfermeiras formadas, 55 auxiliares de enfermagem e 22 atendentes para os 212 leitos já em funcionamento.

O hospital funciona há três anos e conta com o serviço completo de cirurgia geral, ortopédica, ginecológica, urológica, torácica e oftalmológica. A cirurgia cardíaca está sendo iniciada.

A medicina nuclear no Hospital de Clínicas está completa, sendo o único hospital de Porto Alegre a contar com este serviço. Possui um aparelho de raio laser para cirurgias otorrinolaringológicas, certos tumores de pele e cirurgia ginecológica. É o único da América Latina com tal equipamento. Na Europa existem quatro destes aparelhos e nos Estados Unidos dez. O raio laser permite fazer uma cirurgia sem sangue e de rápida recuperação.

O HCPA foi incluído no Orçamen-

to da União a partir de 1976, notícia que muito tranquilizou o vice-presidente médico, Dr. Mário Rangel Balvé. A diretoria espera em seguida uma verba de 132 milhões do Fundo de Assistência e Desenvolvimento Social, com a qual pretende concluir a parte de acabamento do prédio, inclusive fazendo algumas correções, como é o caso de anfiteatros construídos nos dois últimos andares. Como seria impraticável o deslocamento de alunos para os 12º e 13º andares do prédio, serão demolidos os anfiteatros para dar lugar à unidade de tratamento intensivo, que contará com modernos aparelhos e um mínimo de 16 leitos. Para o futuro prevê-se a instalação de um serviço de bioengenharia.

CONVÊNIO COM INPS

O INPS aluga 2.000 m² da área do Hospital de Clínicas para funcionamento de ambulatórios. Além disso mantém um convênio com os médicos do hospital para atendimento aos segurados. Nos moldes do convênio, o segurado paga uma taxa e tem direito à consulta com hora marcada e com o médico que preferir. O serviço conta com quase todas as especialidades médicas, desde pediatria até cirurgia plástica.

Jornal de Bairro

Uma nova experiência didática foi determinada pelo Departamento de Comunicação, responsável pela edição do TRÊS POR QUATRO, buscando proporcionar às disciplinas que ministram os conhecimentos técnicos de jornalismo gráfico, as condições necessárias para uma diversificação, sem se afastar do objetivo básico: a feitura de um jornal-laboratório.

Este número do TRÊS POR QUATRO representa a primeira etapa desta experiência. O jornal, como veículo de comunicação, deve possuir um público definido ao qual dirija sua mensagem. Por esta razão o Departamento resolveu executar novo esquema, com um jornal dirigido para o Bairro Bom Fim. Esta escolha foi motivada pelas características peculiares do bairro e de sua proximidade da atual sede da Universidade.

Amanhã poderemos dirigir o jornal para outras áreas específicas da atividade humana e que também necessitam de um veículo de comunicação. Jornal não é apenas o veículo que encontramos diariamente nas

bancas, tratando de assuntos do dia-a-dia. Pode ser específico de uma área profissional, científica, cultural, esportiva, religiosa, enfim, de qualquer atividade humana. O jornalista e, principalmente aquele que aprende o jornalismo, não pode restringir o seu conhecimento ao jornal diário, noticioso; deve verificar e sentir como o problema jornalístico se apresenta em outras áreas.

Acreditamos, assim, que esta iniciativa venha a determinar que o TRÊS POR QUATRO figure realmente como um jornal-laboratório, ampliando a gama de experiências do estudante.

Graças à colaboração e compreensão da Reitoria da Universidade, através do Gabinete do Reitor e da Assessoria de Imprensa, temos agora a possibilidade de cumprir, também, uma das condições básicas da existência de um jornal: a periodicidade. Com esse apoio esperamos atingir, realmente, a finalidade deste jornal-escola. Esta edição, por igual, foi impressa à conta da Reitoria da UFRGS.

EXPEDIENTE

três por quatro

Órgão dos alunos do Curso de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Jacinto Gomes, 540, 3º andar — Porto Alegre — RS — Brasil.

Trabalharam nesta edição: Jaime Gargioni, Eloisa Kirsch, Sérgio Mattos, Arlete Oliveira, Carlos Mosmann, Eugênio Bortolon, Udo Herner, Aglaé Lavoratti, Anamaria Torres, Cesar Veronese, Clóvis Malta, Humberto Andreatta, Ilza Girardi, Isolda Quintana, Maria Lúcia Guimarães, Paulo Lara, Sílvia Ruschel, Sílvia Silva, Valter dos Santos, Vera Conceição Silva, Vera Teresa Costa, Janice do Amaral e Maria Cecília de Lamare.

Responsabilidade editorial: Departamento de Comunicação da UFRGS.

Impresso nas oficinas da Gráfica da UFRGS, Rua Jacinto Gomes, 540, Porto Alegre — RS — Brasil.

INSTITUTO NO OLHO DA RUA

O Instituto de Educação General Flores da Cunha, como todas as escolas da rede oficial, cobra as taxas que a Secretaria da Educação e Cultura determina. A afirmação é da Vice-Diretora, Maria Luíza Mascarenhas. Segundo ela, as taxas também são cobradas porque a SEC "não nos dá um tostão, nem fornece os funcionários que cuidam da manutenção da Escola. Por nós somos obrigados a contratar funcionários e pagá-los com o dinheiro da caixa escolar".

Depois que a imprensa denunciou a inconstitucionalidade da cobrança da taxa escolar, o Instituto de Educação adotou o sistema de mutirão para suprir as deficiências da escola, isto é, os alunos foram divididos em quatro níveis, baseados em dados sócio-econômicos. Os três primeiros (A, B e C), são os

mais carentes e, por isso mesmo, não pagam nada. Recebem todo o material necessário, desde o uniforme à merenda. A minoria, de nível D, poder aquisitivo alto, pagam as taxas que revertem em benefício das outras três classificações.

Mesmo graves, os problemas de

situação social e os curriculares não são maiores que os de estacionamento e trânsito, segundo a direção do Instituto. Desde abril deste ano, nove ofícios já foram enviados à Secretaria Municipal de Transportes e à Brigada Militar, todos solicitando um policiamento disciplinar mais efetivo frente à escola. Cronicamente, os policiais são retirados do controle de trânsito três ou quatro dias após o atendimento da solicitação e a Secretaria ainda não se pronunciou quanto ao aumento do tempo de sinal vermelho frente ao prédio. Nem mesmo o recente atropelamento e morte de uma professora conseguiu arrancar qualquer ação mais efetiva da SMT.

Segundo a professora Maria Luíza, Vice-Diretora do estabelecimento, a proibição de estacionar na calçada fronteira acabou agravando o problema de estacionamento.

O número crescente de kombis escolares, mais os carros particulares, acabaram transformando a corrente de tráfego da Osvaldo Aranha, na altura da escola, num imenso e permanente engarrafamento. A única solução seria a doação, de uma área para estacionamento, plano que o prefeito da cidade já estuda depois dum longo tempo de pedidos.

Mas estes não são os únicos problemas que os 3.350 alunos enfrentam diariamente. Depois que os problemas decorrentes da falta de segurança contra incêndio foram denunciados, os alunos e professores compartilham talvez do maior de todos: a poluição ambiental. Com todas as suas entradas voltadas para grandes avenidas de escoamento permanente, o Instituto só espera o fechamento da Rua Setembrina para ver diminuir o problema.

Estudar as abelhas é entender mais a vida

Ou as maravilhas da natureza

Acredita-se ter sido o grande urso pardo quem ensinou o homem a melar. Nas densas, mas frias, florestas montanhosas do norte, o urso era então o maior caçador e inimigo das abelhas. Varejava mel à distância e localizava facilmente as abelheiras nas raízes e troncos, até chegar onde queria: o doce manancial de mel e cera. E parece que foi com ele que o homem aprendeu o extraordinário valor do produto daqueles insetos. Hoje, parece que apesar de tudo o que se tem escrito sobre o assunto, as abelhas continuam desconhecidas pelos homens.

Seria possível conhecer e se comunicar com um mundo animal tão estruturado e sério como o de uma colmeia?

— É o que estou tentando fazer há mais de cinquenta anos. Parece que mais do que a técnica, foi e é o amor que tenho por elas que possibilita uma maior aproximação com um mundo tão fascinante. Já escrevi um livro sobre apicultura. Me custou trinta anos de observações. Já conheço as abelhas até pela maneira de voar.

O livro é Apicultura Para Todos, 2ª edição, da editora Sulina. O homem, Hugo Muxfeldt, um velho abelheiro. Ele é o fundador da Escola de Apicultura Santa Rita, única no Brasil. Este ano forma a segunda turma de profissionais.

— O que nos levou a abrir a escola, a única no Brasil, foi a ausência quase total de conhecimento sobre abelhas. No Brasil há pouquíssimos profissionais e quase todos trabalhando exclusivamente por hobby; por causa disto, nossa maior preocupação aqui na escola é formar gente que realmente vai trabalhar. Não existe pré-requisito nenhum para a matrícula, nem mesmo taxas se pagam. Queremos ensinar, isto sim, antes de tudo o respeito que se deve ter pelo reino animal e vegetal, mesmo tirando deles o que precisamos para viver. Duas horas semanais de aulas teóricas, às segundas-feiras das 20 às 22 horas, e mais a tarde de sábado e domingo para as aulas práticas nas colméias da escola, no Parque



O extermínio das abelhas acelera o desequilíbrio ecológico

Saint-Hilaire, conseguem dar informações para podermos manter uma colmeia que pode produzir mel suficiente para o consumo da família.

RAINHAS ESCRAVAS

— O curso inicia com aulas sobre a biologia das abelhas — continua informando o Prof. Muxfeldt — desde a formação do ovo, de onde sairá a rainha, as princesas, os zangões e as operárias, porque o nascimento das primeiras é diferente do das últimas. O berço da rainha e princesas é diferente, mais confortável, maior.

— Chamamos a rainha de abelha-mãe ou abelha-mestra, porque na realidade ela não reina nem gover-

na. É escrava do dever como poedeira única (1.500 ovos por dia, para uma rainha saudável). Nascer, assim, diariamente, 1.500 operárias e um número limitado de zangões e ainda mais limitado de princezas. As operárias vivem de 40 a 60 dias. As rainhas podem chegar até 6 anos de vida porque se alimentam exclusivamente de geleia real, junto com as princezas, só nascem na primavera, de seis ou oito, no máximo. Havendo duas candidatas ao reinado, arma-se um duelo e a mais forte é entronada, devendo reinar com um séquito que a defenderá de todo perigo externo.

ESCOLA DE APICULTURA

A flor predileta das abelhas é o girassol. Mas elas gostam também

do eucalipto. Assim, todo apicultor tem que ser um grande cultivador ou incentivador destas espécies, pois florescem num período de grande escassez de flores. Mesmo para o apicultor, a proteção da espécie é importantíssima, pois as abelhas são responsáveis pelo menos, por 30% da produção de frutos, devido à polinização cruzada, isto é, elas conduzem nas patinhas e nas asas o pólen de uma flor a outra. O óvulo da flor não fecundado, não desenvolve e termina caindo. Ou cai ou nasce uma frutinha defeituosa.

A escola, com sala de aula na varanda da casa particular de Tio Hugo, como é chamado e conhecido, trabalha com rainha marcada, de acordo com a Convenção Internacional da Dinamarca. Para as abelhas nascidas nos anos terminados em 1 e 6, a marca é branca; em 2 e 7, amareta; em 3 e 8, vermelha; em 4 e 9, verde; em 5 e 0, azul.

— Nós a marcamos para achá-la com maior facilidade. Digo no singular porque não pode haver mais que uma rainha na mesma colmeia. Saber sua idade é outra façanha para marcá-la. A galinha, à medida que envelhece, diminui a postura; a abelha-mãe, idênticamente. Destronamos, então, a velha e colocamos uma nova no tronco. Sozinha e destronada, a velha não dura muito mais, porque não pode suportar a solidão, mesmo não sendo velha.

Os alunos apicultores, depois das 360 horas-aula em 15 meses de curso, seguido e fiscalizado pela Secretaria de Educação e Cultura, que o reconhece oficialmente, produzem mel em suas próprias colméias. O excedente vem à escola para ser vendido por Cr\$ 17,00 ou Cr\$ 19,00 o quilo, segundo a espécie.

— Queremos produzir alimentos são — concluiu Tio Hugo — que possam beneficiar aqueles que se preocupam com a qualidade do que comem. Muitos têm procurado cera, mas nós não a vendemos. Ela é devolvida às abelhas em forma de chapas, para ajudá-las em seu trabalho. Dispondo das chapas prontas, é como se já tivessem ganhado o alicerce de suas casas.

ONDE SE DIVERTIR NO BOM FIM

Em termos de lazer, o Bairro Bom Fim é bem diversificado. O morador do Bom Fim não precisa sair do bairro para ir, por exemplo, ao cinema, ao teatro, a um clube, passar algumas horas numa biblioteca ou ainda levar as crianças a um parque de diversões.

Isto não pode ser encarado, porém, com muita rigidez, uma vez que existem diversos tipos de pessoas no bairro, que aproveitam diferentemente as horas disponíveis ao lazer.

Para exemplificar, imaginemos uma pessoa que costume ir várias vezes por semana ao cinema. Dispondo o bairro de três cinemas, é claro que esta pessoa não se restringirá aos filmes neles em cartaz, procurando outras salas exibidoras da cidade.

Em relação a teatro, isto acontece em proporções maiores, pois um morador do Bom Fim que tenha por hábito assistir às peças em cartaz na cidade, raras vezes terá oportunidade de vê-las no palco do Clube de Cultura, que ultimamente tem apresentado em maior quantidade shows musicais daqui ou de fora.

O Araújo Viana, no Parque Farroupilha, poucas vezes tem apresentado peças e, quando o faz, são geralmente espetáculos dirigidos a crianças.

SE VOCÊ GOSTA DE CINEMA...

O cinema Rio Branco, o de maior lotação do bairro, é também o de preços mais populares: os ingressos custam quatro e oito cruzeiros. O Rio Branco é administrado pela Petersen e Cia. Ltda., dirigida pelo sr. Ênio Petersen, que explica o porque do cinema ser incluído num grupo de salas exibidoras sob a denominação "o circuito da Vitória". O cinema apresenta tanto reprises como lançamentos. Neste último caso, quando acontece a estréia do filme, a marcação é feita pelo Victória (geralmente exhibe o mesmo filme que o Rey, o Colombo e o Rio Branco, e, apesar desta peculiaridade, não formam uma "rede"), fazendo com que as pessoas que o freqüentam sejam, em sua grande maioria, moradores do bairro. Aproximadamente seis mil pessoas assistem aos filmes do Rio Branco em um mês, constituindo-se este público de estudantes e jovens casais que passam suas horas de folga desfrutando de um filme em 35 mm, geralmente da Condor ou da C. I. C. (Cinema International Corporation), distribuidoras com as quais o cinema costuma operar.

Construído em 1929, o cinema Rio Branco já passou por reformas, como a mudança do assoalho, mas nunca fechou. As obras foram feitas de modo que o público não precisasse ficar sem o seu cinema.

Como sistema de tratamento do ar o Rio Branco dispõe atualmente de exaustores e ventiladores, e, pelo menos por enquanto, não está nos planos da administração equipá-lo com ar condicionado, uma vez que a instalação é bastante dispendio-

sa e entre outras coisas que o cinema precisa pagar estão 50% da renda líquida para o distribuidor do filme, impostos municipais, imposto sobre a bilheteria e direitos autorais ao diretor do filme.

Os dois outros cinemas do bairro, o Baltimore e o Bristol, são administrados pela Cinematográfica São João S. A., da qual ainda fazem parte os cinemas São João, Ceuter, Cinema 1 (ex-Vogue) e Premier.

Depois de funcionar durante muitos anos com sistema de projeção em 35mm, o Baltimore foi reformado, passando para 70mm. Em outubro de 1968 o cinema inaugurou sua nova fase, exibindo *Nas Trilhas da Aventura*, faroeste cômico de John Sturges. De lá para cá, o Baltimore teve vários sucessos em cartaz, entre eles *Funny Girl*, *Adivinha quem vem para o Jantar?* e *Aeroporto*.

O público que vai ao Baltimore, segundo o senhor Jaime Charak, que dirige a Cinematográfica São João S. A., "é um público sofisticado, composto principalmente por jovens da classe média, não necessariamente moradores do bairro. Pelas características da sua programação, e do seu sistema em 70mm, o cinema atrai espectadores de vários locais da cidade.

O Bristol está instalado sobre o Baltimore e funcionou durante vários anos com o nome de Mini-Baltimore. Aberto em janeiro de 1969, com o filme *Viagem ao Mundo da Alucinação*, o cinema passou a exibir mais reprises do que lançamentos. Este ano o Mini fechou para reformas e reabriu com o nome de Bristol. Agora, o Bristol também exhibe reprises e, quando acontece algum lançamento, geralmente outro cine-

ma entra com o mesmo programa. Mas também acontecem exceções, como o lançamento, recentemente, de *Guerra e Paz*, de Sergei Bondarchuk, feito exclusivamente pelo Bristol.

Os dois cinemas, Baltimore e Bristol, projetam seus filmes simultaneamente sem problemas de interferência do som de um no recinto do outro, como acontece em outras duas salas localizadas também sobre a outra, aqui na cidade.

O Bristol funciona com sistema de projeção 35mm.

A lotação do Bristol é de cento e oitenta pessoas, enquanto a do Baltimore é de seiscentas. A freqüência média, por semana, é de mil pessoas no Bristol e três a quatro mil no Baltimore, sendo que 60% paga meia entrada, ou seja, a maioria do público é composta por estudantes.

Os sistemas de tratamento do ar são ar condicionado, no Baltimore, e ventilação, no Bristol. O aumento da aparelhagem de ar condicionado no Baltimore, e a instalação deste, no Bristol, faz parte dos planos da administração.

A Cinematográfica São João S. A. trabalha com todas as companhias de cinema (Warner, United, C. I. C. e outras), o que permite oferecer aos espectadores uma programação variada e de diversos estilos.

PARQUE

Situado à margem do Bairro Bom Fim, o Parque Farroupilha é um dos locais próximos que o morador do bairro dispõe para passar suas horas de folga. Funcionando como um verdadeiro pulmão verde para a cidade, o Parque Farroupilha oferece agradáveis recantos para



o lazer e locais de recreação para as crianças.

Atravessar a Osvaldo Aranha para chegar ao Parque se constitui num problema, devido ao intenso trânsito de veículos. Por isto, as crianças precisam ser acompanhadas pelos pais ou babás.

Um dos pontos preferidos pelas crianças (e também por alguns adultos) é o Parque de Diversões defronte à Igreja Santa Terezinha.

Também no Parque Farroupilha está situado o Auditório Araújo Viana, em prédio moderno, construído para substituir o anterior, demolido para dar lugar a atual sede da Assembléia Legislativa, na Praça da Matriz. Ali são apresentadas, vez por outra, peças teatrais (ultimamente apenas infantis) e, mais seguidamente, shows musicais.

CLUBES DO BAIRRO

O Clube de Cultura, na Ramiro Barcelos, perto da Osvaldo Aranha, surgiu há vinte e cinco anos, com o objetivo de reunir e divulgar manifestações culturais e artísticas. Fundado a 30 de maio de 1950, o Clube, que não tem finalidades lucrativas, conta com teatro, bar e salas para palestras e reuniões.

Vários tipos de peças foram ali encenadas. Um dos orgulhos do Clube foi ter feito a estréia mundial de três peças de Qorpo Santo, na época em que ele era ainda um desconhecido, antes de ser aclamado como um dos precursores do Teatro do Absurdo.

Também ali surgiu a Frente Gaúcha de Música Popular. Grupos locais de música e teatro se apresentam no Clube, mas seguidamente gente de fora também ali faz seus espetáculos.

O Círculo Social Israelita foi fundado em 1930 por um grupo de jovens, com a finalidade de se tornar uma sociedade recreativa. Reuniam-se na antiga sede da União Israelita, à Rua Barros Cassal, e nos salões da Confeitaria Rocco. Em 1937 treze destes elementos se propuseram a transformar esta sociedade em entidade recreativa, cultural e beneficente. Mas foi a 13 de outubro de 1938 que se iniciou o que hoje se chama a nova fase do Círculo, com a

participação cada vez mais intensa dos associados em todas as promoções.

De lá para cá sua história tem se caracterizado pelas várias atividades sociais e culturais. Entre estas destaca-se o funcionamento de uma grande biblioteca, com mais de sete mil volumes, aberta aos sócios inclusive à noite. Para ela é destinada uma verba especial, para que mensalmente sejam comprados os melhores e mais atuais livros editados no país.

No Auditório do Círculo Social Israelita, aberto também ao público em geral, são normalmente desenvolvidas intensas atividades artísticas e culturais. Grupos teatrais freqüentemente ali se apresentam, com boa receptividade, revezando-se com as sessões promovidas seguidamente aos interessados, com a apresentação de filmes atuais e significativos.

Além de todas estas interessantes atividades, são permanentemente mantidos os mais diversos cursos, como os de Inglês para Crianças, Iniciação Musical, Expressão Corporal e Escolinha de Arte.

O Círculo Social Israelita mantém ainda uma galeria de arte, a Galeria Contemporânea, para a qual são programadas sempre destacadas exposições.

Todas as iniciativas culturais do Colégio Israelita Brasileiro recebem a cooperação do Círculo Social Israelita, atenção esta também dispensada aos membros do Círculo, o que o caracteriza como um centro cultural.

Localizado num antigo prédio bem no coração do Bom Fim, mais exatamente na esquina da João Teles com a Avenida Cauduro, o Centro Ítalo-Brasileiro conta com mais de noventa anos de existência, além de um grande número de associados. O Centro, que é a mais antiga entidade social italiana de Porto Alegre, desfruta de uma boa situação financeira, a qual permite traçar vários planos para o futuro. Entre eles, a construção de uma nova sede social. O projeto já está pronto e breve será iniciada a sua construção.

Uma biblioteca funciona regularmente, assim como um restaurante típico, felizmente aberto ao público em geral, que pode assim desfrutar da saborosa comida italiana.



Jaime Charak, da Cinematográfica São João S. A.

Araújo Viana: Um auditório nem tão abandonado assim

A maior impressão que um público ligado em espetáculos tem ao chegar a Primavera, em Porto Alegre, é a de que, junto com o sol, as flores e os pássaros, chega também, como presente, a possibilidade de uso do Auditório Araújo Viana, no Parque Farroupilha. Foi assim na primavera de 64, época de sua inauguração, e repetiu-se neste ano com o Festival da Primavera, quando algumas das melhores bandas de rock do Sul precederam Gilberto Gil, Jorge Mautner, Dominginhos, Belchior e alguns outros, numa festa que reuniu mais de 7.000 pessoas.

Na verdade, esta é a maior acusação que pesa sobre o Araújo Viana, um projeto encomendado aos arquitetos Carlos Maximiliano Fayet e Moacir Moofen Marques: fala-se que o auditório tem utilidade apenas no verão, ficando um longo período praticamente abandonado. Esta idéia que, para quem olha de fora pode parecer correta, não é verdadeira. O Araújo Viana, além de ter sido construído com objetivos específicos (servir de local para espetáculos ao ar livre, o que dificilmente pode ser feito no inverno), não é assim tão mal utilizado. Poucos sabem, mas é lá onde funcionam, permanentemente, a primeira e única Escola de Ópera do Brasil e a Escola de Música, ambas mantidas pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

Além disso, só mesmo algumas pessoas podem avaliar exatamente a outra opção que o auditório oferece, durante todo o ano suas salas servem de local de ensaio para pequenos e grandes grupos de atividades variadas, que não dispõem de palcos próprios. Porto Alegre não tem lugar apropriado para ensaios, que possa ser utilizado livremente e, ao mesmo tempo, por vários grupos. E o que talvez seja ainda mais importante: a cidade não oferece outro local onde

possa ser desenvolvido um trabalho de pesquisa, mais demorado e que exija maior detalhamento ou perfeição.

Tempos atrás, a diretoria da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura afirmou que a programação do Araújo Viana já não era constante porque os grupos artísticos não solicitavam o auditório, principalmente devido à condição de palco aberto, num clima como o nosso. Quando não existiam ginásios cobertos, como o do Internacional, os grupos ainda solicitavam o Araújo Viana. A idéia de cobri-lo, segundo o engenheiro Moacir Moofen Marques, não tem o menor sentido. Ele acha que, além do custo e dos problemas que traria — com relação à estética e à acústica, tiraria toda a razão de ser do auditório. Ele foi construído para ser um auditório ao ar livre, sujeito aos problemas comuns a qualquer prédio deste tipo. O problema é que a programação deve ser adequada às condições do prédio. Não se pode forçar um tipo de programação que não estava prevista.

O maestro Pablo Koblós acompanha de perto o Araújo Viana desde a sua inauguração, em 1964: ele acha valiosa a função do auditório para montagem de peças musicais, mesmo porque, em Porto Alegre, ainda não se pensou em construir um Teatro Municipal. Superando todas as dificuldades que existem para a montagem de uma ópera ou opereta ao ar livre, Koblós ainda assim conseguiu levar ao Araújo Viana o maior público já reunido no local, no dia da estréia da ópera Aída, de Giuseppe Verdi.

COMPLEMENTO DO PARQUE

Carlos Maximiliano Fayet, por outro lado, diz que o Araújo Viana foi construído para ser um complemento do Parque Farroupilha.

e deveria estar a serviço das pessoas que vão ao parque. Diz que o melhor seria se houvesse uma programação flexível, até informal, com bandas, coros e grupos de dança regionais:

— A acústica é excelente, para um auditório ao ar livre. Foi planejada não só em função do público, mas também para que um músico possa ouvir o instrumento do outro. Agora, instalaram altofalantes laterais, e isso produz eco. O auditório foi planejado para que todo o seu som partisse da concha acústica. Uma de suas vantagens é o custo operacional bastante baixo, desde que a programação seja adequada ao tipo de auditório que ele é.

O problema, para Fayet, é que Porto Alegre não tem um Centro de Artes e nem um teatro municipal: então, quiseram transformar o Araújo Viana em Teatro, acumulando funções que, à medida que vão surgindo, obrigam as transforma-

ções deformantes. Na linha de pensamento dos arquitetos e autores do projeto inicial, o Auditório deveria permanecer aberto à população da cidade, e mais especificamente à população dos bairros adjacentes. As crianças deveriam encontrar ali as possibilidades de brincar de teatro e de arte, como brincam no resto do Parque.

Assim, semi-isolado da vida da comunidade, o Araújo Viana sente o abandono a que a administração da cidade o relegou: dos 24 sanitários, apenas a metade ainda apresenta condições de uso; o acrílico das luminárias da marquise, interna e externa, está completamente destruído; o pano de boca do palco — o mesmo que abriu dia 13 de março de 1964, inaugurando o auditório — desbotado e puido, mofa nas salas que circundam a concha. Estes problemas estão no relatório de 75 da administração do auditório, com a observação: «são os mesmos do ano anterior».



CANCHAS DE ESPORTE NO BOM FIM. SAIBA COMO UTILIZÁ-LAS

Com uma frequência média de 1.500 pessoas por dia, o Parque Ramiro Souto, próximo ao Hospital de Pronto Socorro, constitui-se numa das únicas alternativas para o morador do Bom Fim interessado em praticar esportes. Além dele, há a cancha da Associação dos Funcionários da Santa Casa de Misericórdia, que, além de cobrar Cr\$ 50,00 a hora, no Ramiro Souto o time paga apenas Cr\$ 3,00 por partida, apresenta a desvantagem de estar quase sempre ocupado, precisando o interessado esperar muito tempo na fila.

Num caso como noutro, porém, tudo se torna mais fácil se o time for organizado. Para utilizar o Parque Ramiro Souto, representantes do time devem comparecer ao Serviço de Recreação Pública da Pre-

feitura Municipal — 8º andar do Edifício IPASE, na Travessa Mário Cinco Paus — levando o regulamento ou o estatuto da entidade. Precisa, também, preencher uma ficha com os nomes e endereços dos componentes da diretoria e as finalidades do clube. Pelo menos dois componentes do time devem ser credenciados pelo Serviço de Recreação, do qual recebem uma carteirinha que dá acesso ao Parque, além de servir para a marcação dos horários da partida.

UTILIZAÇÃO DAS CANCHAS

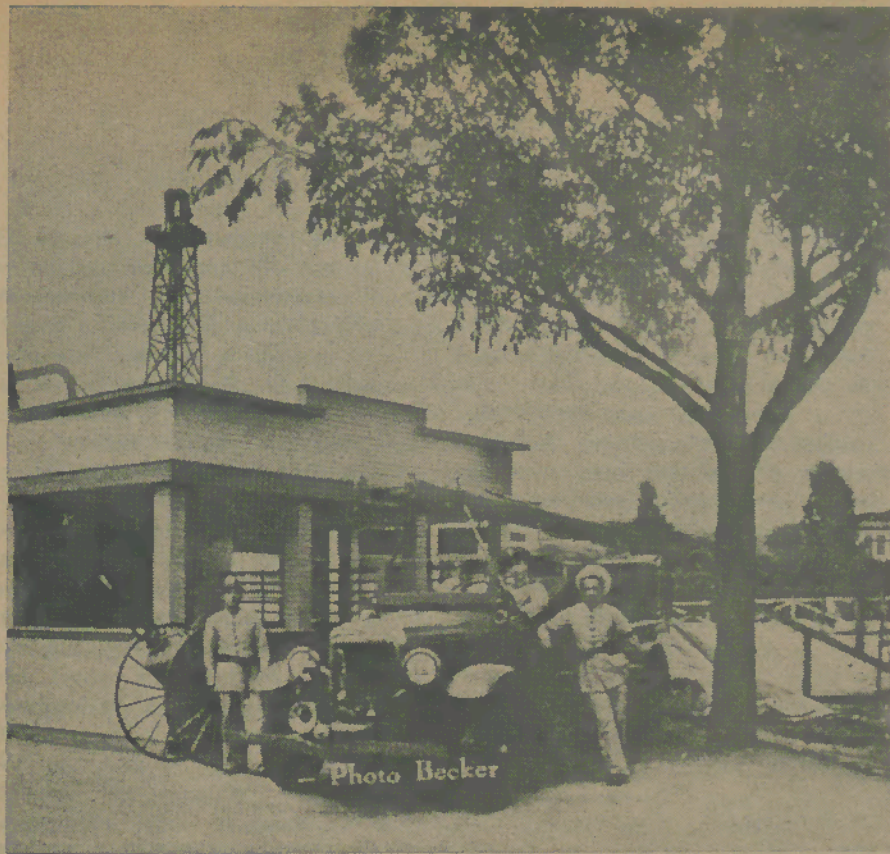
Feito isto, podem utilizar as canchas de futebol de salão e campo, basquete, minibasquete, hand-ball e voleibol, pagando Cr\$ 3,00 por partida. O Parque possui chuveiro e as pessoas credenciadas ficam

responsáveis pelas chaves dos vestiários, sempre que há uma partida. Um detalhe que não pode ser esquecido é que, quando chove, a cancha de futebol de salão não pode ser utilizada, pois o revestimento é de carvão.

Há ainda, no local, dois campos para jogos de pelada e, nesse caso, a burocracia praticamente inexistente. Basta falar com algum dos quatro recreacionistas que tabalham no local e o problema fica resolvido. Os recreacionistas atendem principalmente aos menores de dezoito anos, dando orientações de atletismo. O Parque também é muito procurado por pessoas que não possuem local onde fazer ginástica, cooper, por exemplo, e pelos colégios e entidades militares. Aos domingos, o Parque Ramiro Souto serve de sede de diversos campeonatos, ficando

suas canchas completamente lotadas.

Já na cancha de esportes da Associação dos Funcionários da Santa Casa, a burocracia quase não existe. Com time organizado ou não, os interessados precisam apenas falar com o administrador José Machado Alegre, que se encontra sempre no local. A cancha é bastante utilizada pela própria Associação e pelos alunos da Faculdade Católica de Medicina, que têm prioridade, mas qualquer interessado pode entrar na fila. Há também vestiários com chuveiro e boa iluminação, no caso dos jogos serem realizados à noite. Cada hora de partida custa Cr\$ 50,00 e, em época de verão, quando os alunos da Faculdade Católica de Medicina entram em férias, sua utilização se torna bem mais fácil.



Vista parcial do pavilhão da Administração Técnica da Exposição do Centenário Farroupilha — 1935.

Do Potreiro da Várzea ao Bairro do Bom Fim

Em meados de 1867 foi lançada a pedra fundamental da Capela do Bom Fim, acontecimento de tão grande repercussão que seu nome logo serviu para a invocação do lugar. Até então o bairro permanecia em completo abandono, destacando-se apenas algumas velhas casas, pertencentes à Santa Casa de Misericórdia, rodeadas por árvores e tapumes. Há que se mencionar, também, a vendola do José Cappinga, na Boca do Caminho do Meio e a chácara do José Francisco da Silva, refúgio seguro para os escravos da época.

O crescimento do Bom Fim está intimamente ligado à história do Potreiro da Várzea, como era conhecido até a metade do século passado. Esta área, a princípio utilizada para abastecimento de gado, foi doada, em 1807, à Câmara Municipal, por Paulo da Silva Gama, a pedido da mesma. Em 1826, o então Imperador D. Pedro I negou à Câmara um pedido de loteamento da área, sob a alegação de que a mesma seria utilizada para exercícios militares, o que realmente aconteceu. Apesar disto, o nome do local não se ligou àquela atividade.

Foi a presença da Igreja Nosso Senhor do Bom Fim, no alinhamento nordeste, e as festas religiosas que ali se realizavam, que emprestou à Várzea o nome de Campos do Bom Fim, alterado em 1884 para Campos da Redenção, em homenagem prestada pela Câmara de Porto Alegre à libertação dos escravos. Mas o velho campo não tardou a sofrer transformações em sua fisionomia: em 1887 estava concluído o grande prédio onde funcionaria a Escola Militar de Porto Alegre, determinando um novo alinhamento dentro da Várzea. Mais tarde surgiria a Avenida José Bonifácio, paralela à Rua Princesa (atual Venâncio Aires), que tiraria do campo uma faixa considerável de terreno.

O surgimento da Escola de Engenharia, em 1900, próxima à atual Praça Argentina, determinou o aparecimento de outras escolas no gênero, mais tarde, ocupando quase um terço da área ainda existente naquela época. Assim foi que a população da redondeza passou a ter novos centros de interesse, como a Igreja do Bom Fim, a Escola Militar, os carros puxados a burro da Companhia Carris de Ferro Porto-Alegrense e as escolas. Surgem novos logradouros públicos — é a fase de remodelação que Otávio Rocha implantou no bairro.

Paralelamente a este crescimento urbano, a comunidade israelita, essencialmente comerciante, começou a desenvolver seus negócios com tenacidade e arrojo. Por ocasião dos festejos do Centenário Farroupilha ela vai participar ativamente nas comemorações,

iniciando o movimento que visava a homenagear os Farrapos com um monumento — idéia que partiu das escolas — sendo o Secretário da Comissão Promotora o Sr. José Lubianca, filho do primeiro imigrante que aqui se estabeleceu.

HOJE TUDO MUDOU

Atualmente pouco resta daquele tempo, como recorda Seu Romeu Santa Catharina, proprietário da Casa Santa Catharina (Fernandes Vieira com Osvaldo Aranha), onde se encontra de tudo, desde anzóis de diversos tamanhos a martelos, vassouras e rolos de arame: "Moro no bairro desde 1911, ano em que nasci (Rua Barros Cassal). Dessa época até nossos dias muita coisa mudou. Ali, onde está o Instituto era a Praça das Carretas, lugar em que havia um bebedouro que servia para abastecer as carretas vindas do interior. Em 1920, meu pai comprou este prédio e iniciou negócio com secos e molhados. Depois de 1951 mudei para variedades. Naquela época havia aqui em frente uma linha de bonde — o Bonde Escola. Esta linha tinha dois desvios: um na Rua Dona

O Bom Fim é um dos bairros mais antigos da cidade e, no entanto, pouco se encontra a respeito de sua história. Sabe-se que no fim da segunda década deste século, teve início a fixação dos primeiros israelitas ao longo da Avenida Bom Fim (atual Osvaldo Aranha) e suas transversais. Naquela época eram poucos os estabelecimentos que se destacavam na bucólica paisagem traçada pelo Campo da Redenção — algumas residências, uma lojinha, uma oficina e assim ia nascendo, por descuido, o atual bairro judaico.

Ao que tudo indica, Júlio Rubião foi quem chegou na frente de três ou quatro famílias vindas de São Paulo, originárias da Europa Central e Setentrional, se estabelecendo em Porto Alegre. No início estas famílias reuniam-se em suas casas para praticarem o culto religioso, pois não possuíam templo. A Sinagoga, construída à meia quadra do último quarteirão da Rua Barros Cassal, coincide com a fixação dos primeiros núcleos judaicos no bairro.

Tereza (atual Jacinto Gomes) e outro na Rua Santo Antônio. Mais tarde veio o Bonde P (com o P grafado em vermelho), que fazia a linha Partenon. Onde fica o Pronto Socorro, havia uma Feira Livre e o local era chamado de Volta do Cordeiro, nome alusivo a um morador das proximidades. Me recordo com muita saudade dos tempos de criança, quando eu e a gurizada da zona jogávamos futebol com bola de pano. De vez em quando nos íamos tomar banho no banhado (Riacho Ipiranga) e aproveitávamos para caçar rãs, que eram vendidas aos moradores da zona a um tostão cada. Era um prato muito apreciado e muito gostoso, por sinal".

Edmundo Prujá, proprietário da Casa Catalina (Av. Osvaldo Aranha, 932) dá uma idéia de como era o comércio e movimento do bairro duas décadas atrás: "Trabalho aqui há dezessete anos e meu negócio progrediu bastante desde aquela época. Antes aqui havia, praticamente, só casas de móveis. Agora encontramos todos os ramos de negócio. Isto, porque é uma zona muito boa, que dá chance para o negociante progredir". Falando sobre o movimento de veículos disse que

"aumentou 60% ou até mais, nos últimos 17 anos".

Sebastião Bone (Ed. Los Angeles, 824, apt. 205), que durante vinte anos trabalhou na Construtora Chwartzman e Gerchman Ltda., disse que "nesses vinte anos que trabalhei neste ramo constituímos mais ou menos 120 edifícios só aqui no Bom Fim. Este dado permite que se tenha uma idéia sobre o quanto o bairro cresceu, pois só esta construtora fez uma média de seis edifícios por ano. Falando sobre o Bom Fim, como um local para se morar, Sebastião afirmou: "Considero este bairro muito bom, pois aqui se encontra de tudo: temos um parque, farmácias, armazéns, casas de comércio de todos os tipos, templos, cinemas e diversas linhas de ônibus. É um bairro que tem vida própria".

Hoje o Bom Fim transformou-se. É um bairro cheio de recordações pitorescas, pois as imagens do passado foram, gradativamente, sendo substituídas por edificações modernas. Do início só resta a Capela do Bom Fim, que impassível e ameaçada, contempla o progresso absorver com toda a sua força a paisagem local. O bairro cresceu. A cidade cresceu.



Um dos poucos prédios do início do século ainda conservado. Foto de 1929.